



## ESTUDO DA PERCEPÇÃO DE IDOSOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE ABERTA À MATURIDADE ACERCA DO FENÔMENO DA TRANSEXUALIDADE

Ana Carolina Morais Cardoso Azevedo <sup>1</sup>  
Mirella Raquel Alves de Araújo Rodrigues <sup>2</sup>  
Maria Gabriela Pereira da Silva <sup>3</sup>  
Edivan Gonçalves da Silva Júnior <sup>4</sup>

### RESUMO

A percepção dos idosos acerca dos fenômenos sociais sofre a influência de diferentes mecanismos sociais entre eles merece destaque os determinantes culturais que os acompanharam ao longo das gerações. A transexualidade é um assunto que vem ganhando mais visibilidade por meio do avanço da globalização, sendo percebida de maneiras distintas entre os diferentes grupos geracionais. Dessa forma, este trabalho objetivou analisar a percepção de idosos acerca do fenômeno da transexualidade. Trata-se de um estudo qualitativo, do tipo exploratório e descritivo. Para a produção dos dados foram realizados três encontros de grupos focais que tiveram como participantes 20 idosos/os com idades entre 60 a 80 anos que estão matriculados na Universidade Aberta à Maturidade (UAMA). Utilizou-se o método de Análise de Conteúdo proposto por Bardin do tipo categorial, onde os constituintes do grupo pesquisado demonstraram sua visão da transexualidade ao caminharem por três categorias principais: 1) generalização das identidades LGBT, 2) posicionamentos pessoais acerca da pessoa trans, 3) debate sobre o papel da família no contexto da transexualidade. Nesse sentido, os resultados apontaram que muitos idosos confundem transexualidade com homossexualidade, e se contradizem a respeito do que seria a transexualidade, apesar de alguns se pautarem em questões religiosas para embasar opiniões, também foi constatado que esse público apresenta uma maior dificuldade, por vezes, devido às questões culturais do meio em que se desenvolveu, tende a apresentar menor flexibilidade e aceitação, enrijecendo o preconceito e o normalizando. Assim posto, a partir de novas reflexões e estudos pode-se trazer uma nova perspectiva para os idosos na qual poderão repensar atitudes e valores diante da diversidade sexual e de gênero e aos poucos, se desprender do pré-conceito já existente.

**Palavras-chave:** Idosos, Envelhecimento, Transexualidade, Comunidade LGBT, Percepção.

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [anacarolmca01@gmail.com](mailto:anacarolmca01@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [mirellarql@gmail.com](mailto:mirellarql@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [m.gabrielas.18s@gmail.com](mailto:m.gabrielas.18s@gmail.com);

<sup>4</sup> Professor orientador: Doutorando em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [edivangoncalves.junior@gmail.com](mailto:edivangoncalves.junior@gmail.com).



## INTRODUÇÃO

De acordo com Mancussi et al. (2005), estima-se que no Brasil dos próximos 20 anos a população idosa poderá alcançar e até ultrapassar a marca de 30 milhões de pessoas, correspondendo a aproximadamente 13% da população. Este índice demonstra a necessidade de discussões acerca desse perfil populacional, voltando a atenção para essa parcela significativa da população e seus percalços.

Por conseguinte, o fenômeno da velhice pode ser compreendido como algo além do biológico, perpassando consequências sociais, culturais e psicológicas. De acordo com Freitas et al. (2010), a velhice possui dimensão existencial, modificando a relação do indivíduo com o tempo, com o mundo e com sua própria história, sendo considerada também como um fenômeno de ordem cultural. É uma tarefa árdua defini-la, visto suas múltiplas dimensões e sua totalidade, porém entende-se como uma etapa do curso da vida na qual ocorrem mudanças de ordem biopsicossocial, geradoras de alterações nas relações do indivíduo com o contexto social.

Além dos aspectos apresentados, pensar no aspecto da sexualidade no envelhecimento faz pensar a respeito da percepção dos idosos e da sociedade sobre o que se deve entender por sexualidade e diversidade sexual. Em seu artigo, Debert e Brigeiro (2012) ressaltam que a maioria das discussões sobre sexualidade do idoso possui viés heteronormativo: “Toda a descrição da fisiologia sexual, das dinâmicas de conjugalidade no curso da vida, e as argumentações sobre as formas de experimentar a sexualidade são condizentes com a gramática heterossexual”. (DEBERT; BRIGEIRO, 2012, p. 41). Logo, faz-se pensar acerca da falta de conhecimento das pessoas idosas sobre outras formas de sexualidade, gênero e orientação sexual que tanto têm sido debatidas na contemporaneidade.

Em contraponto, a transexualidade, marcada pela divergência entre identidade de gênero e o sexo biológico do indivíduo, segue ganhando mais visibilidade por meio dos avanços da globalização. Um estudo desenvolvido pela professora da Faculdade de Medicina de Botucatu da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Maria Cristina Pereira Lima, em 2020, aponta que 1,9% da população brasileira é composta por pessoas transgênero ou não binárias, demonstrando a emergência da demanda de trazer foco ao tema. Além do mais, o encontro entre os idosos e os transexuais mostra que o discernimento destes primeiros acerca da abrangência das noções sobre identidade de gênero que a transgeneridade propicia necessitam ser discutidas e desmistificadas. Dessa forma, o presente artigo pretende analisar a percepção dos idosos acerca da transexualidade.



## **METODOLOGIA**

### **Caracterização do estudo**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, sendo composta por um conjunto de técnicas interpretativas, as quais buscam a descrição e decodificação dos componentes de um sistema complexo de significados, tendo como objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social. O pesquisador, se utilizando dos métodos qualitativos, preocupa-se mais com a visualização do contexto e, caso seja possível, possui uma integração empática com o objeto de estudo, de forma que implique em uma melhor compreensão do fenômeno (NEVES, 1996).

### **Interlocutores da pesquisa**

Os interlocutores da pesquisa foram 20 pessoas idosas, com idade a partir dos 60 anos. Os critérios utilizados para inclusão foram: possuir idade mínima de 60 anos e estar matriculado na Universidade Aberta à Maturidade – UAMA. Os critérios de exclusão foram: pessoas que não tenham acesso aos meios digitais ou que não tenham interesse em participar do estudo.

Segundo o site da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e a Coordenadoria Institucional Especial para a Formação Aberta à Maturidade (CIEFAM), a UAMA, instituição a qual os participantes fazem parte, possui ligação com a UEPB. A mesma possui como meta atender a demanda educativa de idosos a partir dos 60 anos, trazendo conteúdos educativos, buscando o desenvolvimento de capacidades sociais, culturais, individuais e de convivência, melhorando a qualidade de vida desses idosos.

### **Procedimento de produção de dados**

Como estratégia metodológica utilizada na pesquisa, foram utilizados grupos focais, que podem ser definidos como grupos de discussão que se utilizam de um tema em particular para estimular o debate. Segundo Backes et al. (2011), essa técnica qualitativa de coleta de dados estimula a interação grupal, promovendo problematizações sobre um tema ou foco em específico.

O grupo focal possibilita ao pesquisador, além de examinar as diferentes análises dos indivíduos com base no tema, a exploração de como os fatos são articulados, censurados,

confrontados e alterados por meio da interação do grupo e ainda como isso pode se relacionar à comunicação e normas grupais (RESSEL et al., 2008).

### **Produção dos dados**

Para que a pesquisa com os interlocutores fosse realizada, foi elaborado um pedido de anuência à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), instituição responsável pela UAMA, para que a pesquisa pudesse ser realizada efetivamente. Por conseguinte, foram feitos os convites aos idosos participantes da Universidade Aberta à Maturidade, como possíveis interlocutores da pesquisa.

As intervenções foram realizadas pela plataforma do Google Meet com duração de cerca de 1 hora e 30 minutos a 2 horas. Os facilitadores dos encontros de grupo focal eram discentes do curso de psicologia.

Como proposta de intervenção, foram desenvolvidos grupos focais (três encontros) com os interlocutores da pesquisa com foco em questões relacionadas às identidades transgênero. Foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado para condução dos debates no grupo. Os grupos focais foram feitos por meio de encontros virtuais com 20 idosos participantes a partir de 60 anos, os quais foram divididos em três grupos focais, possuindo 6 a 7 participantes.

### **Análise de dados**

Para a análise dos dados qualitativos foi utilizada a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). A técnica propõe uma classificação em temas ou categorias que possam auxiliar na compreensão do que está por trás do discurso do participante.

A condução da análise de dados constitui-se de várias etapas, com o intuito de conferir significação aos dados coletados (MINAYO, 2001). Essas etapas são divididas em 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretações.

A primeira fase, pré-análise, é desenvolvida para sistematizar as ideias iniciais colocadas pelo quadro referencial teórico e busca o estabelecimento dos indicadores para a interpretação das informações coletadas. A fase compreende a leitura geral do material eleito para a análise. Em resumo, organiza-se o material a ser investigado, tal sistematização serve para que o analista possa conduzir as operações sucessivas de análise. Ao concluir essa fase, parte-se para a exploração do material, que constitui a segunda fase. A exploração do material



consiste na construção das operações de codificação. Bardin (1977) define codificação como a transformação, por meio de recorte, agregação e enumeração, com base em regras precisas sobre as informações textuais, representativas das características do conteúdo. Considerando-se os recortes dos textos em unidades de registros, a definição de regras de contagem e a classificação e agregação das informações em categorias simbólicas ou temáticas. A terceira fase compreende o tratamento dos resultados, inferência e interpretação, consistindo em captar os conteúdos contidos em todo o material coletado (entrevistas, documentos e observação). A análise comparativa é realizada através da síntese das diversas categorias existentes em cada análise, ressaltando os aspectos considerados semelhantes e os que foram concebidos como diferentes (SILVA, 2015).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A organização dos dados coletados durante os grupos focais permitiu a análise das falas dos idosos referente a temáticas relacionadas ao objeto de estudo, o qual está ligado à visão do grupo estudado sobre a transexualidade.

Os discursos foram agrupados em três categorias, a saber: posicionamentos sobre a transexualidade; desconhecimento acerca do que é transexualidade; e diferentes formas de receptividade pelos familiares.

### *Posicionamentos sobre a transexualidade*

**TABELA 1** – Posicionamentos sobre transexualidade

| Sentido                  | Frequência | Descrição do relato   |
|--------------------------|------------|---|
| Dificuldade de aceitação | 2          | - "...Desculpa minha sinceridade, mas eu fico de coração partido por essa situação,..."<br>- "...respeito muito, mas eu confesso que o meu emocional fica bastante abalado, porque na minha concepção não estaria correto..." |
| Julgamento               | 2          | - "... no meu entender o trans nasceu do lado errado da questão. Ele nasceu mulher e foi na cabeça dele como mulher e homem. Para todo mundo ele não se aceitou..."   |

|                     |   |   |
|---------------------|---|---|
| Questões religiosas | 3 | <p>“O que eu acho errado, na minha opinião, é porque, de repente, você porque saiu do armário, se acha no direito de estar se expondo, expondo as pessoas que estão ao seu redor...”</p> <p>- “...Então se é feliz daquele jeito, vai acertar com Deus, é você e Deus, Deus e você e a gente se respeitar um ao outro na minha concepção.”</p> <p>“... Isso é uma afronta a Deus...”</p> <p>“...Para Deus...ele continua sendo uma mulher...”</p> |
| Total               | 7 |   |

A tabela 1 compreende a categoria “Posicionamentos sobre a transexualidade”. Nesta categoria encontram-se questões relacionadas à dificuldade de aceitar a transição pela qual os transexuais passam, perpassando um julgamento justificado por motivações religiosas. Os participantes demonstram um respeito, mas ainda sentem dificuldade em entender e aceitar as perspectivas de vida de pessoas transexuais. Amaral (2013) em sua pesquisa a respeito do mercado de trabalho correlacionado a transexuais já constatava que existem diversos tipos de preconceitos, trazendo que a pessoa é marginalizada em várias esferas da sua vida. O autor traz um debate a respeito de que a pessoa trans, diferentemente de outros da sigla LGBTQIA+, não consegue esconder ou omitir elementos que denotam a transgeneridade, o que corrobora para a exclusão e mais julgamentos.

Nessa categoria os participantes também trouxeram questões religiosas atreladas a um forte julgamento. Em conformidade com o que os idosos discutiram, Souza (2019) acredita que os crimes de ódio cometidos contra a comunidade trans são brutais por terem o intuito de desfigurá-la, chegando ao nível de tortura por serem consideradas pecadoras e animais. A base que motiva esses crimes são os discursos de ódio circulantes através de diferentes esferas que compõem a sociedade, como: a religião, a mídia, o senso comum, os discursos biomédicos que tendem ainda considerar transtorno ou doença, discursos de pessoas públicas conservadoras e sensacionalistas.

Além disso, constata-se um impasse ao se opinar acerca do tema, uma vez que se usa de muitos comentários disfarçados de um preconceito enraizado que é fomentado também por questões religiosas.

### ***Desconhecimento acerca do que é transexualidade***

**TABELA 2 – Desconhecimento acerca do que é transexualidade**

| <b>Sentido</b>                                    | <b>Frequência</b> | <b>Descrição do relato</b>  |
|---|-------------------|---|
| Desconhecimento acerca do tema                    | 1                 | “Eu gostaria. Assim, isso é uma coisa muito confusa na minha cabeça, sabe? Eu não entendo muito bem a diferença de uma coisa para outra...”   |
| Pouco interesse pelo tema                         | 1                 | “...quer dizer, eu não entendo muito desse assunto não, porque eu também não procuro saber muito não...”  |
| Confusão entre homossexualidade e transexualidade | 3                 | <p>“...beijar homem com homem, mulher com mulher...”</p> <p>“Ela já nasceu com esse desejo de fazer sexo com a mesma pessoa do mesmo sexo dele, né?...”</p> <p>“...eu não sou homofóbica, não tenho nada contra esse tipo de pessoas cada qual no seu quadrado, o importante é ter o respeito.”</p> |
| <b>Total</b>                                      | <b>6</b>          |   |

A tabela 2 apresenta a categoria “Desconhecimento acerca do que é transexualidade”, a qual expressa a falta de conhecimento da população idosa acerca do tema, ligada a uma falta de procura sobre o assunto, gerando confusão, principalmente entre os termos transexual e homossexual. Segundo Santos et al (2014) a ideia de transexualidade como um fenômeno específico apenas ganha visibilidade nas décadas de 1960 e 1970, quando associações internacionais passaram a se dedicar a discussão do diagnóstico diferenciado e seu tratamento, arraigados de uma visão patologizante. Foi a partir das décadas de 1980 e 1990 que tais concepções passaram a ser criticadas por Foucault e Butler. Consequentemente, os idosos da atualidade não possuíram convivência aberta com a transgeneridade durante a sua infância, adolescência e por uma boa parte de sua vida adulta, justificando por vezes a sua pouca aproximação com o tema.

*Diferentes formas de receptividade pelos familiares*

**TABELA 3** – Diferentes formas de receptividade pelos familiares

| <b>Sentido</b>       | <b>Frequência</b> | <b>Descrição do relato</b>   |
|----------------------|-------------------|--|
| Rejeição familiares  | por 2             | <p>“... Na nossa adolescência as coisas eram muito embutidas. As famílias não aceitavam, escondiam mesmo. ...”</p> <p>“...Tanto de homens como de mulheres, já vi muitos apanhando de pai e mãe. E a gente não podia fazer nada, porque ninguém vai interferir na questão de família, ...”</p>                             |
| Medo                 | 2                 | <p>“...Se eu tivesse na minha família, assim, um filho, eu acho que eu vivia muito amargurada por esse motivo da violência....”</p> <p>“... Eu acho que a dor mesmo grande na verdade é essa a insegurança da gente...Se você não tiver assim segurando na mão do senhor, realmente. Acho que você pira mesmo feio...”</p> |
| Aceitação da família | 2                 | <p>“...Cada um tem suas opções e a gente tem que respeitar, principalmente dentro do ciclo familiar...”</p> <p>“...Não tem que dar satisfação a ninguém, porque é seu filho, é neto, a gente aceita e respeita o que ele escolheu, o que ele é...”</p>   |
| <b>Total</b>         | <b>6</b>          |  |

A tabela 3 integra a categoria “Diferentes formas de receptividade pelos familiares”, demonstrando situações e sentimentos relatados pelos entrevistados acerca da visão da família sobre a população transexual. Fernández (2004) mostra a importância da família no processo da descoberta da transgeneridade ao afirmar que o processo que conduzirá a formação da identidade travesti começa em uma idade muito tenra, quando os sujeitos se encontram implicados na vida familiar, colocando a família como um espaço privilegiado para acender as





primeiras representações identitárias do grupo em enfoque. A autora faz refletir a respeito da necessidade de um ambiente acolhedor para o transexual, com aceitação por parte dos familiares.

Nessa conjuntura de análise, os idosos também trouxeram questões relacionadas ao medo que os familiares possuem da violência enfrentada por pessoas transgênero. Estando de acordo com o que os participantes trouxeram, o Dossiê dos Assassinatos e da Violência Contra Pessoas Trans Brasileiras 2020, realizado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) afirma que o Brasil continuou na liderança entre os países que mais assassinou transexuais no mundo em 2020, demonstrando a triste realidade da população trans brasileira, a qual justifica-se a preocupação e o medo dos familiares dessa parcela da sociedade.

Por fim, a falta de aceitação é um fator notável nos participantes, a qual é justificada pelo que vivenciaram no meio familiar ao longo da vida, demonstrando o quanto essa orientação sexual era escondida e negada por parte de seus familiares, com reações que chegavam à violência por parte dos pais e parentes das pessoas transexuais. A violência e discriminação familiar apresentadas podem ser justificadas pela maneira com que a transexualidade era vista pela sociedade no século XX. De acordo com Moreira (2018), o transgênero era visto como indivíduo portador de distúrbio psíquico da identidade sexual, caracterizado pela convicção inabalável que tem um sujeito de pertencer ao sexo oposto. Sendo assim, por ser vista como doença, entendia-se que a transgeneridade deveria ser combatida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A transexualidade se mostra na percepção de idosos em uma ótica enraizada de tabus e estereótipos baseados na falta de conhecimentos, em valores religiosos e senso comum. O presente estudo traz as percepções de pessoas idosas sobre pessoas trans, através de categorias que foram discutidas no decorrer da pesquisa. Nesse sentido, foi constatado que há, ainda, um forte posicionamento baseado no senso comum e que também não há um conhecimento que diferencie identidade de gênero e orientação sexual. É inegável que dentro de algumas falas pode-se perceber que expressam de formas diversas o medo constante da violência que o mundo tem para essas pessoas.

A desinformação, por vezes, é um indicador da possível falta de comunicação com idosos a respeito do tema da diversidade sexual e de gênero. Tal observação assinala a



importância de haver finalmente o debate sobre sexualidade e gênero com idosos. Enquanto não houve espaços para a elaboração de novos saberes, sentidos e significados sobre a diversidade, figurará no contexto de vida dos sujeitos o conservadorismo pautado no modelo rígido que impõe restrições ao desejo. As falas que obtiveram mais destaques pelos participantes foram aquelas relacionadas a não entenderem o motivo da pessoa “escolher ser assim”, atribuindo-lhe a responsabilidade por serem diferentes, e por se tratar de uma vontade, estariam sendo culpadas por escolhas “erradas”.

A partir disso, se faz necessário que haja mais debates em torno da diversidade de gênero e sexual com idosos a fim de expandir os seus campos de acesso sobre a temática, no contato com a alteridade, uma vez que seus conteúdos também versam sobre as possibilidades de envelhecer na diversidade. Diante disso, é sugerido que haja novas pesquisas com o intuito de analisar a produção de sentidos e significados de idosos acerca de temas correlatos à diversidade de gênero e sexual no que diz respeito também à vivência de pessoas idosas pertencentes a comunidade LGBTQIA+.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, T. Travestis, transexuais e mercado de trabalho: Muito além da prostituição. In: **Anais do Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**. Salvador, 2013.
- BARDIN L. **L'Analyse de contenu**. Editora: Presses Universitaires de France, 1977.
- BELMINO, M. C, PERLS, F., GOODMAN, P. **Duas faces da Gestalt Terapia**. Fortaleza: Editora Premium, 2014.
- BENEVIDES, B., NOGUEIRA, S. **Dossiê dos assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.
- FERNÁNDEZ, J. **Cuerpos Desobedientes: Travestismo E Identidad de Genero**. Buenos Aires: Editora Edhasa, 2004.
- FREITAS, M. C. de, QUEIROZ, T., SOUSA J. **O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos**. Rev Esc Enferm USP, v.44(2), 2010.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- MOREIRA, E. **Breve Percurso Histórico Acerca da Transexualidade**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, 2018.
- NEVES, J. L. **Pesquisa Qualitativa - características, usos e possibilidades**. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, V.1, Nº 3, 2º sem, 1996.



RESSEL, L. B. **O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa.** Texto Contexto Enferm, Florianópolis, out./dez. 2008.

SALGADO et al. **Velhice LGBT: uma análise das representações sociais entre idosos brasileiros.** Disponível em:

<[http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?pid=S1688-42212017000200155&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?pid=S1688-42212017000200155&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 08 ago. 2022.

SANTOS, A., SHIMIZU, H., MERCHAN-HAMANN, E. **Processo de formação das representações sociais sobre transexualidade dos profissionais de saúde: possíveis caminhos para superação do preconceito.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 19(11), 2014.

SEGALLA, V. **Brasil tem 4 milhões de pessoas trans e não binárias, revela estudo da Unesp, inédito no país.** Brasil de Fato, 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/11/22/brasil-tem-4-milhoes-de-pessoas-trans-e-nao-binarias-revela-estudo-da-unesp-inedito-no-pais>>. Acesso em: 08 ago. 2022.

SOUZA, E. **(Trans) passando os muros do preconceito e adentrando a universidade: uma análise das políticas para pessoas trans\* dentro das instituições públicas de ensino superior do Rio Grande do Norte.** 2019. Dissertação de Mestrado. Brasil.